

**O SUPORTE NOTADO:
UM ENSAIO DE CLASSIFICAÇÃO PARA OS SUPORTES DA ESCRITA**

THE NOTICED SUPPORT:
AN ESSAY ON THE CLASSIFICATION OF WRITING SUPPORTS

João Furio Novaes¹
Universidade de São Paulo

Waldir Bevidas²
Universidade de São Paulo

Resumo: O presente estudo busca apresentar uma nomenclatura para a classificação dos suportes da escrita que se baseie em aspectos próprios às substâncias da expressão que são utilizadas para viabilizar o seu funcionamento. Focando em uma análise comparativa entre os livros e as telas, ao tratarmos das substâncias que compõem a forma visual de suas escritas, distinguimo-los com base em um critério de materialidade, atribuindo a escrita nos livros à substância material dos pigmentos, e a nas telas, à substância imaterial da luminosidade. Tratando desta diferença no nível de pertinência que opõe livros e telas enquanto objetos (Fontanille, 2008b, p. 21), nossa hipótese aponta para a perspectiva de que possamos descrevê-la como fundadora de uma relação paradigmática, de modo a introduzir uma nomenclatura categorial para estes suportes que se reporte à tensão entre o aspecto duradouro e efêmero que constitui a *physis* de tais substâncias comentadas. Deste modo, propomos o uso dos termos *suporte aberto* e *fechado* para distingui-los, enfatizando a capacidade das telas de permanecer (como suporte) a novas cargas textuais enunciadas, em contraste com os livros, que precisam ser substituídos junto ao texto terminado. À tela como suporte aberto a novas cargas textuais, atribuímos o valor da longevidade; enquanto ao livro, fechado, atribuímos o valor da brevidade (Zilberberg, 2011, p. 74). Com isto, então, buscamos estruturar uma abordagem propriamente semiótica a estes objetos, destacando como as substâncias da expressão que mobilizam são capazes de adquirir pertinência semiótica e desencadear dinâmicas que estruturam modos distintos de leitura e produção da escrita.

Palavras-chave: objeto; semiótica tensiva; escrita; livro; tela.

Abstract: The present study seeks to present a nomenclature for the classification of the supports of writing based on aspects proper to the substances of expression that enable its functioning. Focusing on a comparative analysis between books and screens, when addressing the substances that compose the visual form of their writings, we distinguish them according to a criterion of materiality: assigning writing in books to the material substance of pigments, and writing on screens to the immaterial substance of luminosity. By addressing this difference at the level of pertinence that opposes books and screens as objects (Fontanille, 2008b, p. 21), our hypothesis

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. E-mail: joaofurionovaes@gmail.com.

² Professor Associado – Livre docente no Departamento de Linguística da FFLCH-USP. E-mail: waldirbevidas@usp.br.

points to the perspective that we may describe it as founding a paradigmatic relation, thereby introducing a categorial nomenclature for these supports that refers to the tension between the enduring and the ephemeral aspect that constitutes the physis of such substances. Thus, we propose the use of the terms open support and closed support to distinguish them, emphasizing the ability of screens to remain (as support) open to new textual loads enunciated, in contrast to books, which must be replaced once the text is completed. To the screen, as an open support for new textual loads, we attribute the value of longevity; whereas to the book, closed, we attribute the value of brevity (Zilberberg, 2011, p. 74). In this way, we seek to structure a properly semiotic approach to these objects, highlighting how the substances of expression they mobilize are capable of acquiring semiotic pertinence and triggering dynamics that structure distinct modes of reading and producing writing.

Keywords: object; tensive semiotics; writing; book; screen.

Introdução

Tomada como ciência dos entes e vertente filosófica cujo objetivo primeiro seria perscrutar as propriedades mais gerais do ser, à investigação ontológica se atribui um lugar de anterioridade. Precedência, todavia, arriscada, ao definirmos as bases interpretativas que orientam nossa concepção a respeito do fenômeno da existência, definimos, também, a perspectiva gnoseológica que ditará a natureza daquilo que constitui o alvo da apuração ontológica – o próprio fundamento da realidade. Defendendo não abandonarmos o termo, neste trabalho adotamos uma concepção de ontologia que a polemiza sem questionar sua validade: sim, a ontologia deve poder dedicar-se à descrição das categorias mais básicas que constituem as diversas maneiras de se estar no mundo; não obstante, o conteúdo deste substrato também deve poder ser disputado.

Nosso comentário se restringe a discutir o tema nos limites de sua acepção conforme o campo semiótico. Aqui, apresentamos uma discussão que pleiteia os fundamentos de uma ontologia essencialmente linguageira, de modo que o objeto do arguir ontológico seja compreendido como próprio a categorias da linguagem. Sem buscar exaurir o assunto, este trabalho problematiza a noção de *ontologia material* postulada por Bordron (1991) à luz do conceito de semiocepção (Bevidas, 2020). Deste modo, buscamos estabelecer as bases de uma aproximação propriamente semiótica a elementos que, à primeira vista, podem parecer estar restritos a uma materialidade pura: no nosso caso, as substâncias da expressão que constituem a escrita em diferentes tipos de suporte – aqui debatidas como um elemento que possui pertinência semiótica.

Neste contexto, articulamos o conceito de objetos de Fontanille (2008b)³ com a discussão a respeito de uma ontologia material desenvolvida por Bordron, a fim de avaliar como transformações que se abatem diretamente sobre a materialidade dos objetos podem desencadear efeitos nos níveis de pertinência que os ultrapassam (tais como o das práticas, das estratégias e das formas de vida). Com isto, então, buscamos estruturar um comentário que se debruce sobre os objetos de maneira abrangente, integrando diferentes abordagens semióticas ao tema para desenvolvê-lo com profundidade. Tal postura, por sua vez, nos permitirá demonstrar como a existência de um objeto não se esgota em sua mera manifestação material, mas se constrói na complexa rede de relações que ele estabelece com os sujeitos e com o mundo à sua volta, revelando como a materialidade pode assumir um papel de participação ativa no fluxo contínuo da semiose.

1. Semiótica e Ontologia – questões de interface

Em *Les objets en parties (esquisse d'ontologie matérielle)*, Jean François Bordron (1991) define o conceito de *objeto* como o resultado de um processo mental de conversão. Para ele, “une entité devient un objet quand elle est soumise à une règle d'intentionnalité” (Bordron, 1991, p. 51),⁴ sendo, por sua vez, à categorização destas regras e aos seus desdobramentos ulteriores que o autor dedica a referida análise.

Bordron (1991, p. 51) descreve cinco grandes regras que regulariam tais operações responsáveis por transformar as entidades brutas do mundo em um objeto propriamente dito, sendo elas: a **intencionalidade categorial**, responsável por afixar num objeto propriedades como grandeza, número, parte, totalidade, etc.; a **intencionalidade esquemática**, responsável por constituir um objeto com base naquilo que o autor identifica ser uma “iconicidade pura”,⁵ tal como possuir um contorno (borda/limite) identificável a partir de uma *intensidade perceptível* (luminosa, tátil, etc.); a **intencionalidade eidética**, responsável por determinar os objetos com base no esquema

³ “[...] estruturas materiais tridimensionais, dotadas de uma morfologia, de uma funcionalidade e de uma forma exterior identificável, cujo conjunto é ‘destinado’ a um uso ou a uma prática mais ou menos especializada” (Fontanille, 2008b, p. 21, tradução nossa).

⁴ “[...] uma entidade se transforma em objeto quando é submetida a uma regra de intencionalidade” (tradução nossa).

⁵ Em Bordron (2018, p. 77), característica própria a toda forma de signo, passível de ser medida em graus e associada à estabilidade mereológica que diz respeito ao vínculo entre duas ou mais partes que mantenham uma relação de “dependência estrita”. No presente caso, o próprio conjunto de traços perceptíveis de uma entidade, que, uma vez apreendidos, permitirão, por meio de sua representação particular, a representação geral do objeto a que se faz referência (Bordron, 1991, p. 51).

perceptivo que regula a sua apreensão prioritária (percepção visual, auditiva, etc.); a *intencionalidade pragmática*, responsável por fundamentar as relações de causalidade que regulam a interação entre um agente e uma ação (mediada em qualquer ponto de sua ocorrência por um objeto); e a *intencionalidade semiótica*, responsável por regular a relação entre um objeto e seus diversos significados possíveis.

Tomando a ideia de uma intencionalidade semiótica como elemento isolado, Bordron segue seu comentário opondo as noções de “semiótica” e “ontologia” com base no princípio de que a ontologia deveria dedicar-se à análise das propriedades mais gerais do ser, desvinculadas dos significados que recortam e determinam sua posterior existência semiótica. Tal compreensão, entretanto, pressupõe que o objeto da reflexão ontológica seria constituído pela matéria de um essencial presente *no mundo*; um real apriorístico, desvinculado da semiose e anterior a sua manifestação como linguagem. Mais adiante, entretanto, o autor vai submeter sua ontologia material ao que chama de uma ontologia formal, cuja categoria prioritária que derivaria de sua regência encontrar-se-ia manifestada pela oposição parte vs. todo, sendo esta operação de discriminação a mais básica sugerida por Bordron como o núcleo de sua proposta: “[...] *comme cela est toujours nécessaire*, nous subsumerons l'ontologie matérielle sous une catégorie de l'ontologie formelle ; ici, la catégorie partie / tout” (1991, p. 52-53, grifo nosso).⁶

Desta inquestionável necessidade, ressaltamos a imperativa presença de um elemento inescapável: a língua como fundamento da experiência humana. Ao postular duas ontologias para fazer referência ao conteúdo de sua proposta (uma para a massa amorfa, e outra para o ser já significado), e hierarquizá-las de acordo com a premissa de que a ontologia formal teria qualquer tipo de prevalência sobre a materialidade, avaliamos que o autor concede que a reflexão ôntica depende *necessariamente* de sua manifestação como linguagem para estruturar-se. Ao problema de supormos a existência de duas ontologias para darmos conta de trabalhar o ser como objeto de estudos, avaliamos que a solução para o evitarmos passaria por uma reformulação de natureza essencialmente topológica, pois a ontologia precisa estar posicionada sobre o ser dos fenômenos que se propõe a investigar. Precisar sua imanência para localizá-lo, eis, enfim, sua tarefa mais precíua.

⁶ “[...] *como sempre é necessário*, subsumiremos a ontologia material sob uma categoria da ontologia formal; aqui a categoria parte/todo” (tradução nossa).

Analisando as diferentes ontologias sugeridas por Bordron, distinguimos, então, duas perspectivas que localizam o ser das coisas como próprio a domínios que variam entre si: uma marcada pelo entendimento de que ele estaria dado no mundo, presente nos próprios entes como uma categoria natural da existência, a qual chamamos *realista* (Bevidas, 2020, p. 27); e outra marcada pelo entendimento de que o ser das coisas resultaria de sua elaboração conforme preceitos linguageiros (imane a categorias da linguagem), a qual chamamos *discursiva* (Bevidas, 2020, p. 194). Na passagem da primeira à segunda, tal reformulação implica conceber o ser como uma categoria estruturada por elementos próprios à linguagem – ou o ser como um fenômeno essencialmente linguageiro. Demover, portanto, a ontologia de sua prospecção *nas coisas* para posicioná-la como um processo de investigação que se concentra *na língua*, constitui uma perspectiva que identifica a substância do ser não no contingente explícito das entidades brutas *percebidas*, mas sim nas estruturas implícitas das formas *semioceptizadas*. Em outras palavras, postulamos uma ontologia que não busca o ser nas coisas, mas sim uma que procura o ser das coisas na subjetividade que lhes confere significado.

2. Uma perspectiva semioceptiva

Conforme elaborado por Bevidas, o conceito de semiocepção pode ser descrito da seguinte forma:

[trata-se de uma] operação submetida peremptoriamente ao princípio do arbitrário do signo, da linguagem como Instituição humana. [...] O ato semiológico ou de semiocepção [...] impõe a toda captação sensória, a todo ato perceptivo, uma metamorfose colossal: uma apreensão registrada e quantitativamente cifrada pelos órgãos captadores, dos dados provenientes do mundo bruto, sejam eles fora do corpo (exteroceptivos), sejam do interior do corpo (proprioceptivos e interoceptivos), se metamorfoseia em uma apreensão significante, portanto semioceptiva, imposta qualitativamente ao mundo, ou segundo as ‘quantidades’ da medida linguageira (Bevidas, 2020, p. 255-256).

Uma vez assimilado, avaliamos que tal procedimento desloca a discussão ontológica para um novo nível, pois o ser como fenômeno semioceptivamente orientado deixa de ser possível como uma categoria presente nas coisas para se constituir como algo imane a linguagem. Que deste ponto se nomeie diferentes ordens ontológicas (hierarquicamente organizadas) para tratar de domínios que divergem, é uma postura que independe deste princípio. Aceita a semiocepção, todas as categorias de intencionalidade

propostas pela ontologia material de Bordron readquirem seu estatuto original: número, grandezas, parte, todo, fundos, limites, dados sensoriais, causas e efeitos assumem, novamente, a sua natureza mais básica – a de se manifestarem prioritariamente como signos (e serem apreciados em conformidade a este fato).

Deslocada, portanto, a questão ontológica da pura e isolada *physis* para o campo de uma discussão semiótica, evidenciamos um cenário em que o ser não pode mais ser pensado como uma categoria essencial e anterior a sua manifestação pela linguagem. Constituído na própria relação entre significantes e significados que se combinam para permiti-lo, o ser de qualquer objeto, como uma categoria semioceptivamente elaborada, apresenta-se como o fruto de uma apreciação semiótica que lhe confere as próprias formas e valores que depreenderemos dele como um fenômeno apreensível. Assim, ao invés de conceber as entidades do mundo como entes cuja existência se define exclusivamente a partir de atributos físico-químicos distribuídos pelo espaço, passamos a compreendê-las como formas que emergem de uma experiência perceptiva mediada pela linguagem, e que, em razão direta disto, carregam em sua ontologia não o traço transcendente de uma essência natural, mas a marca do arbitrário.

3. O suporte notado

Trouxemos no título a ideia de “notado” para destacar a prevalência do ato semioceptivo como o processo que vai estruturar o estatuto ontológico de qualquer objeto no momento de sua apreensão: é no momento de sua captação sensorial que uma entidade qualquer adquirirá o seu significado, deixando de ser algo disperso no fluxo indiferenciado da matéria para se transformar em um elemento investido de formas e valores próprios.

Tratando especificamente do caso dos suportes da escrita, podemos notar que – considerados os diversos exemplos concretos de sua manifestação – as estratégias utilizadas para viabilizar o seu funcionamento variam livremente num espectro compositivo que, em contrapartida, apresenta-se como marcadamente limitado. Destacamos sobretudo três programas distintos de interação com estes objetos que levam à prática bem-sucedida da escrita, a citar: um programa de modelagem; um programa de deposição; e um programa de emissão. Com isto, esperamos demonstrar como as diferentes substâncias mobilizadas por estes programas serão responsáveis por originar, no nível de pertinência dos objetos, um conjunto de características que adquirem valor de

diferença quando comparadas entre si, dando forma a invariantes (paradigmas) e desencadeando efeitos duradouros que alterarão as práticas de escrita e leitura que dependem delas.

Neste trabalho, nos debruçamos apenas sobre os objetos que se encontram regulados pelos programas de deposição e emissão, não abordando o paradigma da modelagem. Todavia, expondo brevemente a diferença entre eles, referimo-nos sobretudo à dinâmica existente entre os objetos-suporte e as substâncias da expressão que são utilizadas durante a prática da escrita, a fim de que, com isto, possamos estabelecer um princípio geral de classificação que se baseie em dados oriundos do plano dos objetos – nível marcado por uma materialidade que, conforme buscamos estabelecer até aqui, não se apresenta como neutra, mas já plenamente significada no momento de sua apreensão sensorial.

Nossa hipótese se baseia em uma distinção que observa ao menos três possíveis categorias para diferenciar os suportes da escrita a partir da natureza aspectual das substâncias que eles mobilizam:

- 1) Modelagem: caso das tabuinhas de argila ou de qualquer gravação em materiais sólidos, em que escrever equivale a talhar, cunhar ou modelar o suporte. Aqui, a substância da expressão que dá forma à escrita coincide com a matéria do objeto-suporte, gerando uma prática da escrita que se baseia na modelagem;
- 2) Deposição: caso dos rolos de papiro e pergaminho, dos livros, de qualquer material impresso, do grafitti, etc. Aqui, a substância da expressão que dá forma à escrita não coincide com a matéria do objeto-suporte e é depositada sobre ela, gerando uma prática da escrita que se baseia na deposição de pigmentos sobre uma superfície suporte;
- 3) Emissão: caso dos mais variados tipos de tela, dos óculos de realidade virtual/aumentada, etc. Aqui, a substância da expressão que dá forma à escrita não coincide com a matéria do objeto-suporte e é emitida a partir dele, gerando uma prática da escrita que se baseia em comandos de manipulação da luminosidade que o suporte emite.

Conforme exploraremos adiante, consideramos que cada um destes programas institui um paradigma porque a diferença entre as substâncias da expressão que utilizam acarretará desdobramentos sistemáticos sobre as práticas de escrita e leitura, as estratégias de composição desenvolvidas e as formas de vida relacionadas a elas (escritor/ leitor). É neste ponto que as substâncias da expressão adquirem um papel de centralidade. Aqui, não as interpretamos como elementos passivos, mas como um substrato material sobre o qual a semiocepção operará para gerar sentido. A diferença entre a permanência física do pigmento depositado sobre uma folha de papel e a transitoriedade da luz emitida pela tela deixam de ser meros dados técnicos para se transformarem em características semioceptivamente organizadas. Através da semiocepção, estas propriedades materiais terão as características de seu comportamento assimiladas como um conjunto de valores: a fixidez do pigmento se converte em *autoridade e estabilidade*, enquanto a fluidez da luz se traduz em *interatividade e mutabilidade*. Assim, a ontologia dos suportes da escrita é construída sobre a maneira como as substâncias da expressão que são por eles mobilizadas estruturam modos distintos de interação; indício de que mesmo a materialidade mais básica já é, em si, um campo fértil para a produção do sentido. O ser de um livro ou de uma tela, portanto, não reside em sua matéria inerte, mas na forma como esta matéria é percebida, categorizada e investida de funções (ou seja, semioceptizada) pelo sujeito que a apreende, transformando-se de mera entidade física em um objeto semiótico. Partindo desta categorização inicial, podemos, então, aprofundar a análise dos programas de deposição e emissão que são o foco deste artigo.

4. Um programa de deposição: a materialidade do pigmento e a estabilidade do livro

Conforme vimos desenvolvendo, a escrita pode ser concebida como uma técnica que alarga as possibilidades de interação com o conteúdo a partir de sua materialização no plano visual da expressão. O domínio eidético da visualidade, em oposição ao plano auditivo, garante uma condição de presença a seus elementos consideravelmente mais estável, fixa e duradoura, de modo que a escrita pode ser definida como um gesto de materialização visual do pensamento. Contudo, a maneira pela qual esta dinâmica se concretiza varia significativamente. Quando falamos em deposição, referimo-nos à prática já milenar de se fixar um pigmento sobre uma superfície que lhe suportará via

aderência, criando, assim, um registro que, por sua própria natureza, elege a permanência como uma propriedade desejável. Tomemos o livro como exemplo.

No universo dos conteúdos impressos, a substância da expressão (a tinta, o pigmento) não se confunde com a matéria do objeto suporte (o papel). A tinta é depositada sobre o papel, e esta ação de deposição confere à escrita uma fixidez que será inerente à dinâmica material estabelecida entre o suporte e a substância que estão sendo utilizados. Nossa hipótese aponta para a perspectiva de que esta dinâmica, uma vez captada pela semiocepção que a apreende, doará ao conteúdo elaborado um conjunto de valores (na forma de semas contextuais) que o caracterizarão como dotado de um sentido qualificado: um texto verbal expresso no plano da visualidade será sempre um texto escrito *com algo, em algo*.

Uma vez que o pigmento adere às fibras do papel – guardadas as possibilidades de edição que não abordaremos neste texto – ele se torna parte integrante da superfície observada, resistindo ao decaimento imediato que é característico ao plano sonoro da oralidade. Para nós, tal dinâmica não se esgota como um dado bruto da materialidade, mas acrescenta ao conteúdo do texto que é seu produto um conjunto de valores próprios a noções como durabilidade e estabilidade. O texto impresso, portanto, em virtude de sua permanência, adquire um status de autoridade. Em decorrência desta dinâmica, o livro será colecionado, preservado e reverenciado como um objeto que evoca conhecimentos consolidados e duradouros. Esta materialidade, por sua vez, também elegerá o livro como um *suporte fechado*. Uma vez impresso e encadernado, o livro se nos apresenta como um artefato completo, com um início, meio e fim claramente demarcados. Tal objeto não foi concebido para receber novas cargas textuais ou poder ser atualizado – se uma nova edição é necessária, um novo livro é produzido. As implicações semióticas deste processo são profundas, e repercutem sobre as práticas e estratégias de escrita (e leitura) que, posteriormente, darão origem a um escritor (e leitor) cujo etos se encontra atravessado pela marca do suporte; ex.: leitor de papel; leitor digital; etc.

Para o escritor, a imutabilidade do livro impõe um maior rigor em seu processo criativo. A revisão que antecede a impressão torna-se um estágio crucial, pois erros e alterações posteriores são custosos e demorados, e há um foco na finalização, na entrega de uma obra polida e acabada. Já para o leitor, a experiência do livro é predominantemente linear e progressiva. A ausência de *hiperlinks* e elementos interativos direciona a atenção para o fluxo contínuo do texto, e a possibilidade de que se produzam marcas e anotações

sobre o suporte – estas, também, dependentes de um procedimento de deposição – transformam o livro em um objeto de afeição individualizado.

5. Um programa de emissão: a imaterialidade da luminosidade e a volatilidade da tela

Em contraste direto com o programa de deposição que comentamos, o circuito da emissão será responsável por redefinir integralmente as relações entre escritores e leitores com os textos com os quais interagem. A tela, aqui concebida como objeto-suporte, vai se constituir como uma superfície cuja função primordial é viabilizar o texto por meio de uma manipulação controlada da luminosidade. No caso das telas, a substância da expressão mobilizada não se ancora na materialidade (como ocorre com os pigmentos já supracitados), mas vai se manifestar a partir de pontos (*pixels*) de cores primárias (RGB) cuja intensidade e combinação cromática serão moduladas eletronicamente, compondo letras e imagens que, em razão direta de sua imaterialidade, serão organizadas e reorganizadas na superfície das telas em tempo real.

Tal suporte, nas suas mais diversas manifestações (*smartphones*, computadores, *tablets*, *notebooks*, etc.), dá origem a um novo tipo de escrita, cuja existência se concretiza (e se extingue) no preciso momento do fluxo luminoso de sua manifestação – o que instaura um regime de permanência e decaimento que dota suas formas visuais de propriedades associadas tanto à oralidade quanto à visualidade. Esta volatilidade da tela implica uma escrita em constante estado de atualização, e se afasta da lógica estabilizada do livro para aproximar-se de um fluxo contínuo de conteúdos cujo acesso não se dá pela garantia de estabilidade conferida pelo ato de inscrição, mas pela constante possibilidade de renovação (e recuperação) de formas visuais virtualizadas.

Nesta condição, um texto pode ser revisto, expandido ou apagado sem que isso produza quaisquer vestígios sobre o suporte, dando forma a uma escrita em perfeita sintonia com um presente em constante desenvolvimento. Ao virtualizar todo o conteúdo que será passível de ser acessado, o programa de emissão dá origem a uma escrita em contínua atualização, enquanto o livro, com seus conteúdos expressos pela materialidade, somente será capaz de suportar um texto já plenamente realizado.

Por sua vez, esta dinâmica moldará a experiência de leitores e escritores sob a égide da interação e da maleabilidade, com textos que serão percebidos menos como um produto finalizado do que como uma forma aberta a modificações. A tela, neste sentido,

se apresenta como um *suporte aberto*, pronto a acolher infinitas cargas textuais sem que para isso seja necessário substituí-la a cada alteração desejada. Esta longevidade do suporte, contrastando com a brevidade do livro (cuja função como objeto se esgota junto ao texto terminado), reforça o entendimento da tela como suporte de manifestações textuais marcadas pela configuração temporária de uma composição luminosa.

Do ponto de vista semiótico, as implicações do programa de emissão serão profundas e transformadoras: a semiocepção, ao apreender um texto pela imaterialidade da luminosidade, converterá este dado em valores como dinamismo, instantaneidade e responsividade. Além disto, as propriedades da luminosidade redefinirão as noções de tempo e espaço que condicionavam a circulação textual, e a colaboração (antes restrita a ocasiões específicas) vai se transformar em uma prática comum, viabilizando criações coletivas que darão origem a uma série de formatos textuais inéditos – tais como os wikis, as redes sociais e as plataformas de edição compartilhada.

6. Suportes abertos e fechados

A discussão sobre os programas de deposição e emissão nos conduz a uma compreensão mais profunda sobre a relação entre o plano das substâncias da expressão e a construção do sentido. Em termos tensivos, avaliamos que o livro, como suporte fechado a novas cargas textuais, seria caracterizado pelo valor da brevidade dada sua permanência reduzida em comparação às telas, cuja abertura a um fluxo contínuo de novos conteúdos as caracterizaria como um suporte longo e duradouro. Em contrapartida, o texto que se produz em cada um destes suportes manifestará o seu valor inverso: na tela, longa, ele será breve; no livro, breve, ele será perene. Cabe ressaltar que a brevidade que atribuímos ao livro não se refere à sua resistência física, mas à durabilidade de sua presença nas cenas práticas que o requisitam em comparação às telas.

Uma vez impresso, o livro é um artefato finalizado, e qualquer mudança que se deseje produzir em sua constituição exigirá a produção de um novo livro – de um novo objeto. Esta brevidade, paradoxalmente, confere ao livro um valor de autoridade, estabilidade e de sagrado (Zilberberg, 2011, p. 146), que o constituem como um objeto regido pelo plano da intensidade em nossa cultura. O leitor do livro sabe estar diante de um corpus fechado, que, por sua imutabilidade, adquire um peso de verdade e confiabilidade. Nossa hipótese aponta para a perspectiva de que tais características possam ser associadas ao fato de que a semiocepção, ao apreender a relação material entre

a substância dos pigmentos e o suporte do papel, reconhecerá nesta dinâmica uma marca de permanência e imutabilidade. Tal dinâmica não permanecerá restrita ao plano físico, mas será transposta na forma de valores que serão acrescidos ao sentido do conteúdo que está ali manifestado: o texto registrado no livro passa a ser investido dos mesmos atributos que caracterizam a relação mantida entre a substância que o expressa e o objeto que lhe dá suporte.

Por outro lado, a longevidade das telas não se traduz em uma permanência do conteúdo, mas sim na capacidade da luminosidade que mobiliza de se adaptar e de ser constantemente remodelada. A tela é um palimpsesto digital, onde o texto é efêmero, mas o suporte é perene. A luminosidade, como substância da expressão, permite uma fluidez e uma mutabilidade que são intrínsecas à sua constituição física, dando origem a um conteúdo que pode ser atualizado em tempo real sem a necessidade de que o suporte físico seja substituído. Esta abertura a novas cargas textuais confere à tela um valor de dinamismo e instantaneidade. Neste contexto, a semiocepção interpreta a imaterialidade da luz e a adaptabilidade do suporte como um indício de volatilidade e de algo ligado ao profano (Zilberberg, 2011, p. 146). A tela, portanto, como objeto (o *hardware*) será trocada e descartada no momento em que seu usuário considerar ter exaurido o seu potencial de processamento; isto, entretanto, não produz nenhum efeito sobre os textos que ela veicula: de qualquer tela, lê-se basicamente qualquer texto, o que esvazia este suporte de qualquer importância individual, tal como possui o livro.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, buscamos evidenciar como a materialidade dos suportes da escrita participa ativamente na construção do sentido dos textos que os utilizam, delineando uma nomenclatura categorial para classificá-los que faz referência às diferentes substâncias da expressão que são mobilizadas por tais objetos. A distinção entre o suporte fechado do livro, marcado pela deposição do pigmento, e o suporte aberto da tela, caracterizado pela emissão da luminosidade, revela-se fundamental para compreendermos as diferentes dinâmicas de interação que cada um destes suportes promove quando utilizado. Argumentamos que a semiocepção, ao interpretar as propriedades físicas de tais objetos, será responsável por lhes atribuir valores semióticos que moldam nossas práticas de escrita e leitura, bem como a forma como concebemos e valorizamos o conteúdo por eles veiculado, de modo que a fixidez do pigmento será

responsável por conferir ao livro um estatuto de autoridade, estabilidade e completude; enquanto a fluidez da luminosidade na tela promoverá uma interatividade que estimulará o surgimento de novas práticas de escrita.

Ao evidenciarmos que os valores atribuídos ao livro e à tela emergem da forma como a semiocepção traduz dados oriundos de sua materialidade em regimes de significado, avaliamos restar evidente que tais suportes não se limitam a apenas abrigar conteúdos, mas instauram modos distintos de relação com o texto e o conhecimento. O livro, fundado pela substância da expressão material do pigmento, vai ancorar práticas ligadas à autoridade e à permanência; enquanto a tela, sustentada pela substância imaterial da luminosidade, será responsável por impulsionar as dinâmicas de interação e mutabilidade que relacionamos à escrita *online*. Reconhecer esta diferença é também compreender que cada suporte projeta horizontes culturais próprios, os quais, em sua complementaridade, reconfiguram o universo da escrita como uma constante.

Tal perspectiva nos permite ainda observar como novas configurações tecnológicas, ao atualizarem o conjunto de materiais e objetos que podem ser utilizados como substância e suporte para a escrita, alteram, também, os modos de existência dos textos que deles dependem para se manifestarem. Considerando um cenário de constante complexificação dos artefatos tecnológicos utilizados para os mais variados fins, é possível vislumbrar um horizonte fértil de investigações futuras que podem se beneficiar de uma categorização (semioticamente orientada) mais exaustiva e robusta para cada classe de objetos, de modo que efeitos de sentido oriundos de dinâmicas imanentes ao próprio plano dos objetos passem a ser compreendidas em se levando em consideração seus eventuais desdobramentos sobre os níveis de pertinência que o ultrapassam.

Finalmente, tratando especificamente do contraste que apontamos existir entre os livros e as telas, constatamos que nosso procedimento de categorização evidencia uma transição em curso: a passagem de uma cultura fundada na fixidez e na clausura material do livro para outra marcada pela plasticidade, pela atualização contínua e pela copresença de múltiplos sujeitos no processo de enunciação. Nossa análise, portanto, ao se prestar a descrever e categorizar os diferentes tipos de objetos-suporte que utilizamos para a escrita, permite-nos refletir sobre os próprios processos de transformação de sua prática, evidenciando como, ao longo do tempo, cada novo suporte é capaz de reconfigurar a escrita de maneiras imprevistas e paradigmáticas.

Referências

BEIVIDAS, Waldir. A Linguagem faz o cérebro. *Mente semiológica em cérebro neuronal. CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada*. Vol. 15, N. 2, p. 149-169, 2022.

BEIVIDAS, Waldir. A Semiologia de Saussure como Epistemologia do Conhecimento. *RELIN*. Vol. 24, N. 1, p. 35-64, 2016.

BEIVIDAS, Waldir. *Epistemologia Discursiva: A semiologia de Saussure e a semiótica de Greimas como terceira via do conhecimento*. São Paulo: FFLCH / USP, 2020. 321 p.

BEIVIDAS, Waldir. L'épistémologie sémiotique de Jacques Fontanille. In: BERTRAND, Denis; DERRAULT-HARRIS, Ivan. *À même le sens : Hommage à Jacques Fontanille*. Paris: Lambert Lucas, 2021, p. 453-463.

BORDRON, Jean-François. Les objets en parties (esquisse d'ontologie matérielle). *Langages*. N. 103, p. 51-65, 1991.

BORDRON, Jean-François. Percepção e iconicidade, diagrama e mônada. *Estudos Semióticos*. Vol. 14, N. 1, p. 74-82, 2018.

FONTANILLE, Jacques. Práticas semióticas: imanência e pertinência, eficiência e otimização. In: DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva; PORTELA, Jean Cristtus (Orgs.). *Semiótica e Mídias: textos, práticas e estratégias*. Bauru: UNESP/FAAC, 2008a, p. 15-76.

FONTANILLE, Jacques. *Pratiques sémiotiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 2008b. 303 p.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. *Tensão e Significação*. Tradução: Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: Discurso Editorial: Humanitas/FFLCH/USP, 2001. 331 p.

ZILBERBERG, Claude. *Elementos de Semiótica Tensiva*. Tradução: Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit, Waldir Beividas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011. 299 p.

